

---

# CARTA DO MÊS

*Estigmatinidade*

**MARÇO 2007 - N° 199**

---

*Padre Inácio Bonetti, estigmatino italiano, publicou um livro que tem como título “As fontes da salvação” com textos clássicos de leitura e oração.*

*No livro, o autor faz um estudo introdutório sobre o mistério dos Sagrados Estigmas. É o estudo introdutório que será publicado nas próximas “Carta do Mês”.*

---

## AS FONTES DA SALVAÇÃO

*“Vós tirareis com alegria água da fonte da salvação (Is 12,3), isto é, das cinco chagas de Cristo”.  
(São Boaventura)*

João Paulo II, dirigindo-se aos bispos italianos que celebravam o Ano Santo, disse: “este é o sentido profundo do Ano Jubilar: ao se completarem os 1950 anos do Evento que renovou a esperança no mundo, era justo que a Igreja se pusesse com intensa adoração e gratidão aos pés do Senhor para contemplar os ‘sinais dos cravos’ e a ferida do ‘lado’ (cf. Jo 20, 20.25.27), reconhecendo no sangue jorrado das fontes divinas o ‘banho’ que a ‘purificou’, tirando-lhe toda ‘mancha, ruga ou algo semelhante’ e tornando-a ‘santa e imaculada’ (cf. Ef 5,26 e seguintes)” (*L’Osservatore Romano*, 16.04.1963).

Pode-se perceber nas palavras do Papa o eco ou o convite do próprio Cristo feito aos Apóstolos na tarde da Páscoa, e, oito dias depois, a Tomé, para que “olhassem e tocassem” seus membros marcados pelas feridas da cruz (cf. Lc 24, 49), e pusessem o dedo nas marcas dos cravos e no seu lado (Jo 20,27).

Segundo o sentido literal do texto evangélico o convite feito por Cristo tem como primeiro objetivo convencer os Apóstolos sobre a identidade entre Jesus Ressuscitado e Jesus Crucificado e, ao mesmo tempo, dar-lhes base para a fé na Ressurreição. Na tradição da Igreja o convite foi entendido em sentido mais amplo: como se fosse feito não só aos Apóstolos, mas a todos os fiéis; e feito não só para confirmar a fé na ressurreição, mas para, mediante a contemplação e a veneração, fomentar o compromisso cristão de abraçar e reavivar o Mistério Pascal do Senhor.

Assim, formou-se no correr dos séculos um amplo movimento de espiritualidade e devoção aos Estigmas do Senhor ou Cinco Chagas, que através da reflexão dos Padres, da contemplação dos Místicos, e da piedade dos fiéis, contribuiu de modo notável para o crescimento da vida cristã. O valor e a profunda eficácia de tal devoção são demonstrados tanto pelo sentido místico da estigmatização, como pela fenômeno físico dos Estigmas de Cristo nos

membros de alguns fiéis: fenômeno verificado pela primeira vez em São Francisco de Assis, e concedido depois por Deus a um número considerável de almas privilegiadas.

Na estigmatização é admissível reconhecer o coroamento místico, como selo divino, do esforço com que certas pessoas extraordinárias procuraram viver em si o Mistério Pascal, considerando-se pregadas com Cristo na cruz (cf. Gl 2,10).

Obviamente o fenômeno da estigmatização coloca-se, por seu caráter excepcional e sua natureza mística, em nível bem diverso da comum devoção aos Estigmas do Senhor. Parece, contudo, lícito afirmar que a dinâmica interior da devoção orienta-se na direção de fazer com que se viva espiritualmente a estigmatização: *fac me plagis vulnerari* (faizei que eu seja ferido com as Chagas do Senhor), canta o autor do sublime e popular *Stabat mater*.

Com textos clássicos escolhidos o trabalho que aqui é apresentado visa mostrar, como o convite do Senhor para “olhar e tocar” os seus Estigmas foi acolhido na espiritualidade cristã. A escolha foi feita com o critério de poder favorecer também o uso prático dos textos, através da meditação, da oração, da celebração para-litúrgica. A antologia é precedida de um estudo introdutório sobre os fundamentos, os conteúdos essenciais e as formas expressivas da devoção tradicional aos Estigmas ou Cinco Chagas.

Esperamos que isso possa contribuir concretamente para o bem de quem se propõe a seguir, mesmo depois de passado o Ano Santo, a exortação de João Paulo II: colocar-se “em adoração e gratidão aos pés do Senhor para contemplar os sinais dos cravos e a ferida do lado”.

## EXPLICAÇÕES

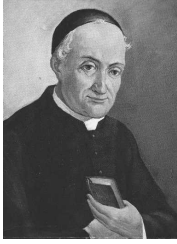
Muitas citações se referem a nosso trabalho anterior. Quem desejar aprofundar qualquer aspecto sob o ponto de vista histórico-teológico poderá consultar “Os Estigmas da Paixão” (Le Stimmate della passione), Rovigo, 1952; a citação, neste trabalho, se fará com a sigla EdP seguida do número da página.

Há notável variedade de termos para indicar os ferimentos produzidos nos membros do Senhor pelos cravos e pela lança, conservados depois da ressurreição. Em latim são usados: VULNERA, PLAGAE, STIGMATA, CICATRICES; em italiano: PIAGHE (chagas), FERITE (feridas), STIMMATE (estigmas), CICATRICI (cicatrices).

No que se refere à origem dos termos, deve-se dizer que somente o termo CICATRICES (cicatrices) foi escolhido de propósito para significar os sinais conservados no corpo do Ressuscitado, em oposição a FERIDAS ou CHAGAS do Crucificado. Trata-se de uma distinção feita por Santo Agostinho no debate com o filósofo pagão Porfírio (EpP, pág. 70-75). Mas se isto é verdadeiro na origem, deve-se também deixar claro que no uso corrente estes termos se tornaram, todos, praticamente equivalentes e sinônimos. Prescindindo do problema teológico entre os Estigmas do Crucificado e os do Ressuscitado, observa-se que em relação à linguagem, CICATRIZES são usadas também para indicar as feridas do Crucificado, e CHAGAS para significar os sinais do Ressuscitado (*plagas sicut Thomas non intueor* canta o *Adoro te devote*). É interessante a alternância do título da Missa nos vários missais: *Missa de Quinque vulneribus* (“Missa das cinco feridas”) ou *Missa Quinque Plagaram* (“Missa das cinco chagas”) ou na edição de 1517 do missal dominicano *Missa de Stigmatibus D.N.J.C* (“Missa dos Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo”) ( cf. EdP, página 74 nota 1).

Neste trabalho se dá preferência, normalmente, ao termo ESTIGMAS, que está no título da Congregação religiosa chamada “dos Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Estigmatinos).

(continua)



---

# **CARTA DO MÊS**

## *Estigmatinidade*

### **ABRIL 2007 - N° 200**

---

#### **AS FONTES DA SALVAÇÃO**

**Cristo no mistério dos seus Estigmas**  
*(Pe. Inácio Bonetti)*

#### **ESTUDO INTRODUTÓRIO**

#### **A Devoção aos Estigmas do Senhor, ou Cinco Chagas**

##### **I. Fundamentos teológicos da devoção aos Estigmas**

###### **1. Testemunhos do Evangelho**

João, entre os Evangelistas, é quem mais se detém sobre o mistério dos Estigmas.

Ele, já na história da paixão coloca o episódio em que um soldado fere o lado de Jesus com golpe de lança. A descrição é feita com abundância de detalhes e com tom insolitamente enfático, o que demonstra claramente a finalidade de chamar a atenção do leitor. “Vieram os soldados e quebraram as pernas do primeiro e do outro, que com ele foram crucificados. Chegando, porém a Jesus, como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água. Quem foi testemunha deste fato o atesta e o seu testemunho é fidedigno, e ele sabe que diz a verdade a fim de que vós creiais. E assim se cumpriu a Escritura: *Nenhum dos seus ossos será quebrado*. E diz em outra parte a Escritura: *Olharão para Aquele que transpassaram*” (Jo, 19, 32-37).

A primeira impressão da leitura do texto é a de que João, empenhado em reivindicar o caráter verdadeiramente divino e, ao mesmo tempo, plenamente humano de Cristo contra os erros que ocorriam desde o fim do século, tenha querido ressaltar com sua narração o fato de que Cristo era homem no sentido pleno da palavra, com um corpo em tudo semelhante ao nosso. O quarto evangelho coloca em evidência também outros aspectos da humanidade de Cristo: o cansaço por causa de viagem (Jo 4,6); o pranto pela morte do amigo Lázaro (Jo 11,25); a sede de Jesus na Cruz (Jo 19, 28). Neste contexto chama, certamente, a atenção também para o ferimento do lado e a efusão de sangue e água.

Ainda há o que se encontra nas citações do Antigo Testamento. A primeira delas, baseada no complexo de prescrições legais referentes à imolação do cordeiro pascal (cf. Ex 12,46; Nm 9,12), pretende provar que Cristo é o verdadeiro cordeiro da nova Páscoa<sup>41</sup>. A segunda (Zc

---

<sup>41</sup> Cf. Brown R. E., *The Gospel according to John (XIII-XXI)*, The Anchor Bible, New York, 1970, página 952 e seguintes; Wikenhauser A., *Il Vangelo secondo Giovanni*, 19,31-37.

12,10) refere-se a um misterioso personagem transpassado que muitos estudiosos identificam com o Servo de Javé<sup>42</sup> e quer demonstrar que Cristo é o Messias sofredor previsto pelos profetas. Uma e outra convergem sobre a figura de Cristo salvador, que realiza a obra a Ele confiada pelo Pai, mediante o novo sacrifício pascal.

A importância, dada, pois, ao fluxo de água, misturada com sangue, do ferimento do lado, se explica, provavelmente pela referência à promessa de mandar o Espírito Santo que, em forma de água que jorra do meio dos crentes, Cristo teria feito depois da sua glorificação. "Do corpo crucificado de Cristo jorra o fluxo vivificador: a água que é o Espírito derramado sobre os que nele crêem (cf. Jo 7,38-39), a água que tira para sempre a sede de quem a bebe (cf. Jo 4,14)"<sup>43</sup>. Completa-se assim a visão do significado do sacrifício de Cristo, novo cordeiro pascal mediante o qual é oferecida ao Pai a expiação pelos pecados, e, ao mesmo tempo é derramado o dom do Espírito que santifica e conforma a Cristo os que crêem.

Em síntese, João tinha boas razões para dar tamanha atenção no seu Evangelho ao episódio da perfuração do lado de Cristo, do qual ele fora testemunha ocular a ponto de perceber um convite singularmente eficaz à fé, "para que vós creiais". No ferimento do lado ele vê, junto com a verdade autêntica e carnal da humanidade de Cristo, toda a riqueza do valor salvífico do sacrifício por ele oferecido na cruz. Ele dá um complemento aos sacrifícios expiatórios do cordeiro pascal celebrados na antiga aliança e é fonte do dom do Espírito Santo prometido e comunicado pelo Senhor a quem nele crer. Trata-se de um sinal particularmente eloqüente e expressivo, que ulteriormente será fortalecido em seu significado, especialmente quando no ferimento os Místicos chegaram a identificar o Coração de Jesus, fonte do amor.

É ainda João que narra com maior abundância de pormenores a aparição, ou as aparições, em que o Senhor ressuscitado mostra aos apóstolos os ferimentos da lança e dos cravos, conservados nos membros glorificados. Já Lucas, na sua narração da aparição do Ressuscitado na tarde da Páscoa, lembra que Jesus voltando-se aos Apóstolos "perturbados e espantados" disse-lhes: "Por que estais perturbados, e porque essas dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés, sou eu mesmo; apalpai e vede: um espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho. E dizendo isto mostrou-lhes as mãos e os pés" (Lc 24,38-40). Não há dúvida de que Lucas narra o mesmo episódio que depois será retomado por João. Mas é também verdadeiro que a presença dos ferimentos nos membros do Ressuscitado é mencionada por Lucas de modo implícito. Enquanto o texto de João é, sem dúvida, explícito. Também ele diz simplesmente que Jesus "mostrou-lhes as mãos e o lado" (Jo 20,20). Mas quando logo depois narra a incredulidade do ausente Tomé, dá a entender claramente que mostrando as mãos e o lado indicava-lhe os sinais dos cravos e da lança. De outro modo seria incompreensível a exigência de Tomé: "Se não vir em suas mãos o sinal dos pregos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos e não introduzir minha mão no seu lado, não acreditarei" (Jo 20,25).

A clareza deste testemunho é depois confirmada pela narração da aparição feita aos Apóstolos oito dias depois: "Introduze aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos. Põe a tua mão no meu lado. Não sejas incrédulo, mas homem de fé" (Jo 20,27).

Ambos os Evangelistas sublinham o fato de que Jesus, apontando aos Apóstolos os Estigmas dos cravos e da lança conservados nos seus membros gloriosos, tinha essencialmente o escopo de mostrar a identidade do corpo ressuscitado com o que fora crucificado, a finalidade de levar o Apóstolo a crer em sua ressurreição. A força do argumento escolhido pelo Senhor

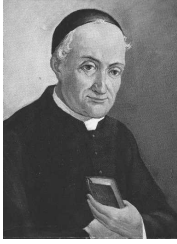
---

<sup>42</sup> Cf. Brown, R.E., o.c., página 955; Lamarch P., Zacharie IX-XIV, Paria, 1961, Páginas 85-86 e 144-147.

<sup>43</sup> DODD C.H. The interpretation of the fourth Gospel, Cambridge, 1960, página 428.

provém paradoxalmente do pretexto de Tomé de ver com seus olhos e tocar com as mãos os sinais da crucifixação conservados no corpo do ressuscitado. E é justamente o cético Tomé que, conquistado pela evidente linguagem dos sinais, explode na mais viva e sincera profissão de fé: "Meu Senhor e meu Deus" (Jo 20,28).

*(continua)*



---

# **CARTA DO MÊS**

## *Estigmatinidade*

### **MAIO 2007 - N° 201**

---

#### **AS FONTES DA SALVAÇÃO**

*(Pe. Inácio Bonetti)*

##### I. Fundamentos teológicos da devoção aos Estigmas

##### 2. O momento mais atroz da Paixão.

Os antigos Padres da Igreja deram início à reflexão teológica sobre os Estigmas do Senhor. À medida que ela se fundamentava nos textos evangélicos conseguia aprofundar o sentido dos ferimentos de Jesus em sua Paixão.

O discípulo de São João, São Policarpo de Esmirna (+ 156), detendo-se sobre o ferimento do lado de Cristo e sobre o derramamento de sangue e água narrado com muita ênfase por seu mestre, entreviu uma comparação simbólica com Adão de cujo lado foi tirada Eva; e afirmou que do lado aberto do novo Adão nasceu a nova Eva, a Igreja, mãe dos crentes. Na água jorrada do lado do Crucificado ele viu representado o batismo que marca o início da vida na Igreja; e no sangue, o martírio, que é o coroamento da vida cristã. Tal interpretação simbólica, aceita por muitos padres, especialmente dos primeiros séculos, foi atenuada mais tarde por causa da paz vivida na era de Constantino; o martírio já não era mais um acontecimento muito comum na Igreja. Preferiu-se, então, ver figurados, na água e no sangue, o Batismo e a Eucaristia, os dois sacramentos considerados os alicerces da Igreja. De qualquer modo permaneceu substancialmente o significado profundo do ferimento do lado de Cristo como a origem e a fonte do mistério da salvação, que é a Igreja.

Assim, veio à tona a fecundidade salvadora dos ferimentos e da paixão de Cristo no sentido de que da dor e do amor do crucificado se origina toda a riqueza da graça que se derrama sobre a humanidade por meio da Igreja. Ao mesmo tempo ficaram esclarecidas a natureza e finalidade profunda da Igreja. A Igreja, neste caso, apesar dos múltiplos elementos sociais e estruturais e das fraquezas próprias da dimensão humana, é o supremo dom do amor de Cristo, Esposa intimamente ligada ao Esposo, mistério da restabelecida comunhão dos seres humanos com Deus, sacramento universal de salvação que perpetua, na história e no mundo, a redenção de Cristo.

Além do lado aberto, também os ferimentos das mãos e dos pés, chamaram a atenção dos Padres. As cinco chagas, intimamente ligadas à realidade da Cruz, são vistas como uma síntese do mistério de dores e de amor que redimiou o mundo. Escreve Santo Agostinho: "*Cristo*

*transpassado por nós e pregado com os cravos sobre a cruz, descido da cruz e sepultado, é a nossa salvação. Ele ressuscitou do sepulcro, curado dos ferimentos e mantendo as cicatrizes".*

Santo Agostinho parece particularmente preocupado em fazer distinção entre as chagas do Crucificado e as cicatrizes do Ressuscitado. A insistência com que voltava ao assunto tem base no fato de que ele teve que enfrentar uma ridícula objeção do polêmico anticristão Porfírio, segundo o qual a presença das feridas da paixão no corpo de Cristo, que apareceu aos apóstolos, seria a prova de que o Senhor não tinha morrido, nem ressuscitado. Justamente para combater tal objeção Santo Agostinho enfatizou a diferença entre chagas e cicatrizes. Quando se aprofunda a questão, vê-se que a diferença sobre a qual insistiu Santo Agostinho diz respeito essencialmente à condição do corpo de Cristo, que na cruz sofria e derramava sangue, enquanto que depois da ressurreição era fulgurante de glória. Por isso não há substancial oposição entre a linguagem de Santo Agostinho e as expressões de Padres e teólogos, segundo os quais Cristo conservou simplesmente em seu corpo ressuscitado os ferimentos que sofreu na cruz (cf. SANTO AGOSTINHO, *Sermo 116*, c. I, PL 38, 657-658; cf. também *Sermo 342*, c. II, n. 3, PL 38, 1140; *Sermo 70*, c. VII, n. 8, PL 38, 477-478).

Também São Jerônimo viu a paixão de Cristo resumida nas cinco chagas. "*Farei ferir com os cravos da cruz e da lança do soldado esta pedra – é assim ele interpreta a passagem de Zacarias 13, 3 - e com sua paixão tirarei em um só dia a iniquidade da terra*". O mesmo tema é desenvolvido por Venâncio Fortunato (c. 530-600) no célebre *Vexilla Regis*. Este hino é uma exaltação, lírica e devocional da cruz considerada como árvore da salvação, troféu da glória, sustentáculo da esperança cristã. O momento descritivo da paixão de Cristo se detém, uma vez mais, sobre as cinco chagas:

*Por nossa salvação  
Foi imolada a vítima;  
Estendeu as mãos e os pés,  
E os cravos penetraram as carnes.*

*E um golpe de lança transpassou  
O coração do filho de Deus:  
Jorraram água e sangue, uma torrente  
Que lava os pecados do mundo.*

Tudo isso tem explicação óbvia, levando-se em conta que Cristo elevou o sentido dos Estigmas da paixão, conservando-os em seu corpo glorioso e mostrando-os aos Apóstolos após a Ressurreição. Por outro lado, é interessante notar como isto se reflete no modo de entender a paixão em si mesma: os ferimentos dos cravos e da lança são vistos como o momento mais significativo da Paixão, "*o momento mais atroz da paixão*", nas palavras de São Pedro Damiano. Com o decorrer do tempo, os ferimentos dos cravos e da lança assumiram, aos olhos dos Padres e dos místicos, um caráter especial: o de "sinais do sacrifício de Cristo", capazes de exprimir de modo eloqüente os vários aspectos deste sacrifício e de atrair a devota atenção dos fiéis. Ruperto de Deutz (+1135) escreveu a propósito: "*sobre ele se abateu o suplício que nos trouxe a paz, e por suas chagas fomos curados (cf. Is 53,5); este suplício era visível não só nas mãos, nos pés e no lado, mas também palpável por causa dos sinais dos cravos e da lança que permaneceram após a Ressurreição*".

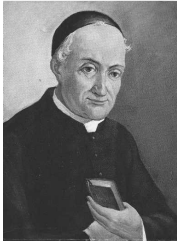
(continua)

\* \* \* \* \*

Volvei, Senhor, um olhar de misericórdia sobre a obra de vossa inefável bondade. Contemplai vosso Filho com escoriações por todo o corpo; olhai as mãos inocentes vertendo sangue e perdoai os pecados praticados por nossas mãos. Lançai o olhar sobre o lado traspassado pela lança cruel, e renovai-nos na fonte santa que dele brotou. Contemplai, feridos por ásperos pregos, os pés imaculados que não conheceram as vias do mal, mas sempre seguiram vossa lei, e guiai os nossos passos em vosso caminho, concedendo, benignamente que possamos recusar a prática de qualquer iniquidade. Amém.

*(oração de autor desconhecido do século XI, retomado por Santo Agostinho)*





---

# CARTA DO MÊS

## *Estigmatinidade*

### JUNHO 2007 - N° 202

---

#### AS FONTES DA SALVAÇÃO

*(Pe. Inácio Bonetti)*

#### I. Fundamentos teológicos da devoção aos Estigmas

##### 3. O preço de nossa libertação

A presença dos Estigmas da paixão nos membros gloriosos de Cristo é olhada, antes de tudo, à luz dos textos evangélicos como uma prova da identidade do corpo do Ressuscitado com o do Crucificado, portanto da veracidade da ressurreição. E deve-se dizer que a tal prova recorrem com freqüência os Padres dos primeiros séculos, sempre combatendo o docetismo, que era alimentado pela cultura platônica e agnóstica, dominante na época.

"Ressuscitou com o corpo - argumenta Santo Ireneu (morto no ano 200) - podendo assim mostrar aos discípulos os ferimentos dos cravos: e neste estado subiu ao Pai". Também na controvérsia surgida pelo fim do século entre os origenistas e anti-origenistas que discutiam a natureza dos corpos ressuscitados, foi valorizada no plano teológico a presença dos Estigmas no corpo de Cristo depois da ressurreição. Com o argumento de que como eram substancialmente idênticos em Cristo o corpo ressuscitado e o corpo mortal, reconhecia-se também, neste ponto, a substancial identidade de nossos corpos ressuscitados e mortais; reforçava-se, neste caso, a fé na ressurreição da carne.

Rapidamente o interesse dos Padres se lançou mais longe e, aprofundando o significado dos Estigmas conservados depois da Ressurreição, eles divisaram o sinal de uma continuidade e perenidade não somente em relação à substância do corpo de Cristo, mas também sobre o sacrifício Pascal do Senhor. Cristo manteve em si, depois da Ressurreição, o sacrifício da cruz em toda sua realidade e em seu sentido de salvação, apresentando-se sempre na figura do cordeiro imolado diante do Pai e diante dos homens. Os Estigmas da paixão presentes no seu corpo glorioso são também sinais desta realidade.

Escreve Santo Ambrósio (340-397) em um trecho estupendo, rico de conteúdo teológico para as necessidades da piedade cristã: "Quem duvida que seja verdadeiro o corpo carnal de Jesus, apresentado aos apóstolos para ser tocado, no qual permaneceram os sinais dos ferimentos e os traços das flagelações? Com isso não só nossa fé é fortalecida, mas se exalta também a devoção. Ele ao invés de apagar dos seus membros os ferimentos que recebeu por nós, quis levá-los ao céu para mostrar ao Pai o preço da nossa libertação. E é neste estado que o Pai o entroniza à sua direita, enaltecendo o troféu da nossa salvação".

Este pensamento de Santo Ambrósio supõe evidentemente, como dado certo, que o Senhor conservou em seu corpo glorioso os Estigmas da paixão, não só por um período limitado (nos momentos das aparições aos apóstolos), mas para sempre. Foi afirmado acima

por Santo Irineu que Cristo “*subiu ao Pai*” com os estigmas. O bispo de Lyon expressou, certamente, uma crença admitida comumente na Igreja. Não faltaram vozes contrárias; a mais relevante foi a de Calvino, que negou com firmeza a permanência dos Estigmas no corpo de Cristo após sua ascensão ao céu. Pode-se dizer que sua idéia permaneceu bastante isolada para os demais fiéis cristãos.

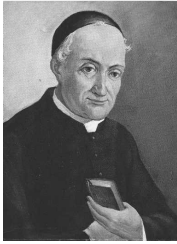
Para colher plenamente a riqueza das expressões de Santo Ambrósio é preciso não se esquecer da visão do sacrifício pascal, característica da teologia patrística. Morte e Ressurreição são, segundo os Padres, momentos inseparáveis da única Páscoa de Cristo, isto é, da sua passagem do mundo ao Pai. Páscoa da morte e Páscoa da ressurreição é linguagem ainda hoje em uso entre os Orientais. A morte, ponto de chegada de toda uma trajetória de amor iniciada na encarnação, representa a imolação total e o perfeito sacrifício de si que Cristo oferece ao Pai por nós, a suprema expressão do seu amor; e por isso, a sua glorificação, segundo São João (Jo 8. 28; 12, 32-33), a perfeita expiação do pecado e a libertação do homem de toda a escravidão originada pelo pecado. Ora, tudo isto é um valor que ultrapassa o tempo e transcende as circunstâncias históricas; neste sentido, o fato da morte, passa a ter uma dimensão de perenidade.

A condição de ressuscitado com que Cristo entra na sua vida nova, definitiva e eterna junto do Pai, realiza tal perenidade. "A ressurreição e a morte - assim Durrwell interpreta o pensamento dos Padres - se ligam na unidade de um só mistério, no qual a morte é imortalizada na glória". O sacrifício da cruz está perenemente atualizado por Cristo ressuscitado no céu, onde ele é sempre o cordeiro imolado (Ap 5, 6), que comparece diante do Pai mostrando em si mesmo o "preço da nossa libertação". O sacrifício é oferecido eternamente na liturgia celeste (cf. Hb 8, 2 e 9, 24-26), e é revivido pelo Cristo místico na liturgia terrena, na piedade e na vida dos fiéis.

O valor dos Estigmas dos cravos e da lança, *como sinais do sacrifício de Cristo*, aparece, neste aspecto, notavelmente aprofundado. Eles revelam e denunciam, sem dúvida, a atrocidade dos sofrimentos da paixão. Os Estigmas do Sacrifício de Cristo, conservados na glória e apresentados ao Pai como preço da nossa libertação, clareiam também a indefectível perenidade, o poder salvador, o êxito vitorioso da luta contra o pecado e a morte levada a termo pelo Crucificado. É sintomático o fato de que a mesma função dos Estigmas do Ressuscitado em relação à fé dos apóstolos na Ressurreição passe aos poucos do plano simplesmente apologético ao plano profundamente salvífico; os Estigmas são considerados não somente como provas objetivas da verdade da ressurreição, mas como remédio que cura a incredulidade dos apóstolos e alimenta a fé. "Jesus quis de fato ajudar seus discípulos ao manter suas cicatrizes - diz Santo Agostinho - para curar nos seus corações as feridas da incredulidade". Justo de Urgel (+ 450) - procurando abranger todos os pecados e intuindo o feliz encontro simbólico entre a pomba do Cântico dos cânticos (2,13) e a Igreja - escreve: "Não é sem motivo que a Igreja é chamada uma pomba, pois não se engana e está repleta do Espírito Santo. Mora nas fendas da rocha, porque sua habitação são os ferimentos de Cristo, pelos quais foi curada".

W. FABER (1814-1863) escreveu: “Se eu devesse escolher uma só coisa que pudesse servir de total e completo memorial do meu Salvador, escolheria a conservação dos seus Estigmas. Na conservação dos sinais de seus santos ferimentos Jesus reproduziu, descreveu e expressou a si mesmo como um Evangelho sintetizado. Por meio destas relíquias da paixão conservadas entre os esplendores da ressurreição, parece-me conhecer melhor Jesus e ter maior certeza de conhecê-lo verdadeiramente”.

(*continua*)



---

# **CARTA DO MÊS**

## *Estigmatinidade*

### **JULHO 2007 - N° 203**

---

#### **AS FONTES DA SALVAÇÃO**

*(Pe. Inácio Bonetti)*

#### I. Fundamentos teológicos da devoção aos Estigmas

##### 4. A devoção aos Estigmas de Cristo

Graças a seu sentido, os Estigmas reúnem uma singular capacidade de exprimir e ressaltar as riquezas do Sacrifício Pascal de Cristo, atraindo a atenção dos fiéis e incentivando a devoção.

Já Santo Ambrósio fala das “devoções” voltadas para o mistério dos Estigmas quando afirma que a conservação dos ferimentos da paixão do Senhor em seu corpo glorificado “não só confirma a fé, mas também induz à devoção”. São Beda Venerável (+ 735), o fiel intérprete do pensamento dos Padres, parafraseando este texto de Santo Ambrósio indica, entre os motivos que levaram Cristo a manter os Estigmas depois da ressurreição, está também este: “a fim de que os que ele redimira com a própria morte, vendo os sinais dessa mesma morte, compreendessem cada vez mais com qual misericórdia tivessem sido salvos: e por isso não cessassem de cantar eternamente as misericórdias do Senhor”.

Com estas intuições teológicas já se encontram nos Padres da Igreja, também os testemunhos de uma intenção devocional vivida concretamente em relação aos Estigmas do Senhor. Santo Agostinho exorta as virgens consagradas, retomando com expressões verbais a sugestão do seu pai espiritual Santo Ambrósio: “Com os olhos da alma observai os ferimentos do Crucificado, as cicatrizes do Ressuscitado, o sangue do Moribundo, preço da Redenção. Pensai um pouco no valor de tudo isso, colocai-o na balança do amor e entregai a Ele todo o afeto que imaginais para vosso matrimônio. Grave-se em vosso coração quem por Vós foi pregado na cruz”. Comentando este texto Pe. L. de Grandmaison escreverá com razão: “Não encontramos nós consagrada nestas palavras, como em uma gota de pura essência, toda a devoção, antes, todas as devoções dos séculos posteriores”?

Os Estigmas do Senhor, ou Cinco Chagas, aos poucos tornou-se uma das grandes devoções que alimentaram por vários séculos a piedade cristã.

## II. Conteúdos essenciais da devoção aos Estigmas

### 5. SCRIBE DOMINE VULNERA TUA IN CORDE MEO.

("Escreve, Senhor, os teus ferimentos no meu coração").

Santo Agostinho, com o convite dirigido às virgens, mostra a atitude fundamental que deve animar, e de fato animou sempre, a devoção aos Estigmas do Senhor, isto é a *compaixão*, entendida no seu significado profundo de "padecer por Cristo", compartilhar como membros do Corpo místico a paixão da Cabeça.

Os ferimentos dos cravos e da lança são sempre considerados o momento mais atroz da paixão. Ao conservá-los no seu corpo glorioso, como uma relíquia da paixão, o Senhor quis motivar os fiéis para que tivessem uma constante atenção e uma viva lembrança das dores e humilhações sofridas na cruz, lembrando o perigo de que a glória da ressurreição pudesse deixar no esquecimento o duríssimo caminho do Calvário. O pensamento de São Beda Venerável volta insistentemente nos autores espirituais. "Cristo mostrou aos discípulos e os fez tocar os ferimentos da sua paixão depois da glória da ressurreição – escreve, por exemplo, Ubertino de Casale (século XIII) - não só para demonstrar que Ele era o mesmo que tinha sido crucificado, mas para imprimir neles a lembrança da sua paixão, de modo que ela não se desvanecesse. Por isso manteve os sinais na glória da sua majestade”.

Participar da paixão de Cristo, reviver seu mistério de morte e de ressurreição não é somente uma atitude devocional pessoal, mas também um empenho fundamental na vocação cristã. “Estou crucificado com Cristo e já não sou mais eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 10). "Completo na minha carne o que falta à paixão de Cristo, a favor do seu corpo que é a Igreja” (Col 1, 24). “Participamos dos seus sofrimentos para participar também da sua glória” (Rm 8, 17; cf. Fl 3,10-11; IPd 4,13).

Neste aspecto surge a exigência de uma resposta pessoal de compaixão ao fato de Cristo conservar em seu corpo as chagas da Paixão. É preciso renovar o desejo de imprimir na mente e no coração dos fiéis o desejo de reviver o Mistério Pascal. Serve de exemplo a oração de Santa Gertrudes (1256-1303): "Grava, ó misericordioso Senhor, os teus ferimentos em meu coração com teu precioso sangue, para que eu possa ver neles a tua dor e o teu amor, e se enraíze sempre mais no meu coração a lembrança constante dos teus ferimentos, acendendo em mim a dor da compaixão e o ardor do amor por ti". Há também uma ardorosa exortação de São Boaventura. “Apressa-te com os passos do amor de Jesus Crucificado e com o apóstolo Tomé: não te satisfaças só em olhar o sinal dos cravos em suas mãos, em colocar a mão no seu lado, mas penetra totalmente pela porta aberta de seu peito até o coração de Jesus. Lá dentro deixa-te transpassar pela lança do afeto, deixa-te ferir pela espada da mais terna compaixão e faz que teu último suspiro, teu único desejo, tua única consolação, seja morrer com Cristo sobre a cruz. Então poderás dizer com São Paulo: Estou crucificado com Cristo na cruz. Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”.

A devoção, pois, aos Estigmas tem também esta característica, particularmente relevante nas expressões dos místicos: a participação nos sofrimentos de Cristo.

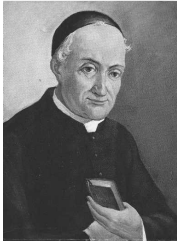
O sentimento de compaixão diante dos atrozes sofrimentos do Crucificado teve a mais intensa manifestação no movimento espiritual franciscano que influenciou intensamente a piedade popular. Isto não significa que antes de São Francisco não existisse tal sentimento. Há testemunhos eloqüentes a partir já do século IV e dos místicos medievais. Com São Francisco o movimento espiritual é marcado pela profundidade do sentimento, pela capacidade de propor

formas novas e expressivas de devoção à paixão do Senhor: Basta pensar no exercício da Via Crucis, (Via Sacra), nas Laudes da Sexta-feira santa, nos escritos devocionais sobre a paixão compostos pelos franciscanos.

Com a explosão do sentimento de compaixão firmam-se também o desejo de profunda participação na paixão do Salvador e a identificação com o Crucificado. Um exemplo são passagens do STABAT MATER: “Santa Mãe, marca profundamente no meu coração as chagas do teu Filho crucificado; que eu participe da Sua paixão e que sinta suas chagas; faze com que me firmem suas feridas”.

Conclui-se, pois que existe estreita conexão entre o sentimento de compaixão pelos sofrimentos de Cristo à luz da devoção aos seus Estigmas e a dinâmica espiritual que leva a reviver a paixão do Senhor na própria vida.

*(continua)*



---

# CARTA DO MÊS

## *Estigmatinidade*

### AGOSTO 2007 - N° 204

---

#### AS FONTES DA SALVAÇÃO

*(Pe. Inácio Bonetti)*

#### II. Conteúdos essenciais da devoção aos Estigmas

##### 6. VULNERA QUINQUE DEI SINT MEDICINA MEI ("As cinco Chagas de Deus sejam remédio para mim")

Os autores espirituais salientam de modo particular a eficácia dos ferimentos de Cristo para curar as feridas do pecado. Por esta razão, dentre os diversos aspectos da devoção aos Estigmas, ocupa lugar relevante o sentimento de compunção pelo pecado e o esforço da conversão. Muito expressiva, neste sentido, é a reflexão de Santo Antônio de Pádua: "Cristo mostrou aos apóstolos as mãos, os pés e o lado para imprimir em nossos corações os sinais da sua paixão. Parece, além disso, pedir que, por compaixão para com Ele, não o queiramos crucificar mais uma vez com os cravos dos pecados".

Santo Agostinho lembra que o Senhor mostrou aos discípulos os Estigmas na tarde da Páscoa para curar, em seus corações, as feridas da incredulidade. Santo Euquério de Lião (+450) afirma que Cristo foi transpassado pela lança e pregado na cruz com os cravos para que fossem curadas nossas feridas. Este tema tornou-se muito comum na literatura patrística e teve amplo desenvolvimento com São Pedro Damiani (+1012). A ele devemos uma interessante comparação entre os cinco ferimentos de Cristo e os cinco sentidos do homem. "Ó médico de singular e incomparável clemência - exclama o santo monge e bispo do século XI - que acumula em si todas as enfermidades, a fim de que por suas enfermidades chegue até nós a saúde. De fato cinco são os ferimentos no corpo do Senhor, e cinco são os sentidos pelos quais, como por outras tantas janelas, entrara a morte no homem. Na verdade, os cinco ferimentos tornaram-se o remédio para nossos cinco sentidos.

Os homens seriam curados do pecado pelos sofrimentos do Salvador. Isaías o anunciara, falando do Servo de Javé: "Ele foi transpassado pelos nossos pecados; pelas suas chagas fomos curados" (Is 53,5; cf. 1Pd 2,25). O primeiro valor salvífico do Sacrifício de Cristo é justamente a libertação do pecado. De fato, graças à presença dos sinais nos membros do Ressuscitado os apóstolos foram "curados" do "ferimento" da incredulidade. A eficácia dos ferimentos do Senhor recai primeiramente sobre o pecado da incredulidade. Bem rapidamente, no decorrer do tempo, a reflexão passa da ferida da incredulidade para todas as feridas do espírito. Os Estigmas se tornam remédio para todos os pecados e todos os vícios dos homens.

Com o crescimento da devoção era natural que esta certeza de fé se traduzisse em oração. A invocação a Cristo para que com seus ferimentos cure a alma pecadora já está

presente nos primeiros textos devocionais concernentes aos Estigmas do Senhor. "Senhor meu Jesus Cristo - assim reza uma fórmula do século VIII, difundida nos ambientes do monaquismo irlandês e escocês - te adoro transpassado sobre a cruz, saciado com fel e vinagre. Peça-te que teus ferimentos sejam remédio para minha alma". Aos poucos a devoção aos Estigmas de Cristo, saindo do ambiente monástico, penetra na esfera da piedade popular. Eis parte de oração que ganhou grande difusão: "Meu Senhor Jesus Cristo, filho do Deus vivo, pelas santíssimas Chagas que sofrestes sobre a cruz, não permitas que eu morra sem fazer penitência por meus pecados".

## 7. UBI TUTTA INFIRMIS SECURITAS ET REQUIES NISI IN VULNERIBUS SALVATORIS?

(Onde os fracos podem encontrar segurança e alívio senão nas feridas do Salvador?).

O apelo à conversão e à penitência proveniente da devoção aos Estigmas do Salvador, embora exigente, inspira "serena confiança" e inabalável força de ânimo.

A visão dos Estigmas de Cristo como fonte de confiança e segurança está ligada à certeza de que Cristo se apresenta constantemente ao Pai mostrando o "preço da nossa libertação" e intercedendo por nós. "Contempla, ó Senhor, - reza o abade Egberto de Schönau - a face de Cristo que te foi obediente até a morte, e não afasta jamais o olhar das cicatrizes dos seus ferimentos que te lembram a satisfação oferecida por nossos pecados".

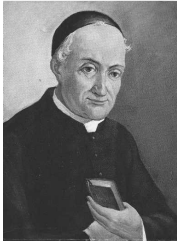
No desenvolvimento da devoção insistiu-se notavelmente no simbolismo segundo o qual os Estigmas do Senhor são reconhecidos como as "fendas da rocha" do Cântico dos Cânticos. A primeira intuição aparece com São Justo de Urgel. O tema é retomado por São Beda Venerável e principalmente por São Bernardo (1090-1153). Este, em um texto de incomparável beleza tira do simbolismo o ensinamento, ao mesmo tempo sublime e concreto, do significado dos Estigmas para a vida cristã. "Santas fendas - exclama o doutor melífluo - que reforçam a fé na ressurreição e na divindade de Cristo. Nelas o pardal encontra sua casa e a andorinha o ninho onde colocar seus filhotes; a pomba se sente segura sem temer o gavião que paira ao redor. E na realidade, onde o fraco encontraria alívio e segurança a não ser nos ferimentos do Salvador? Nelas sinto-me seguro, pois Ele é poderoso para me socorrer. O mundo ruge, a carne me oprime, o demônio está de emboscada; apesar disso não cedo, porque tenho os pés sobre a rocha firme. Se por acaso cair gravemente, a consciência ficará perturbada, mas não abatida, pois o meu pensamento estará fixo nos ferimentos do Salvador. Ele de fato "foi castigado por nossos pecados" (Is 53, 5). Talvez exista perigo tão letal que não possa ser evitado pela morte de Cristo? Se, pois, eu utilizar tão poderoso e eficaz remédio, não existe doença, por pior que seja, que possa me assustar. O que me falta eu busco com confiança no coração do Senhor, porque é cheio de misericórdia."

Com estas inspiradas expressões, São Bernardo indicou uma pista fundamental para o caminho da devoção aos Estigmas. Ao contemplar os Estigmas do Senhor o fiel encontrará sempre motivo de compunção e incentivo para lutar contra o pecado. Ao se sentir protegido nas "fendas da rocha" ele recobra ânimo para combater com tranqüila confiança e com certeza da vitória. "Eia, pois, entra nelas sem temor, ó minha alma, - exorta Tomás de Kempis (1380-1471) - e protege-te contra a serpente que te ataca por todo lado, quer de maneira aberta quer oculta. Permanece ali, segura no silêncio; permanece ali, desprezando todas as alegrias mundanas, meditando nos sagrados ferimentos do Senhor, na confiante expectativa do prêmio eterno, que te será dado pelos seus merecimentos".

O papel atribuído à perspectiva dos Estigmas como refúgio seguro e fonte de confiança pode induzir a pensar que se deslize para a dimensão poética. Leva-se pouco tempo, porém, para se perceber que, neste caso, o simbolismo e a poesia ficam aquém da realidade. Por outro lado, deve-se pensar, antes de tudo, na importância vital que tem a devoção aos Estigmas na descrição de São Bernardo para ajudar a lutar contra o pecado e abastecer-se de esperança. Torna-se também providencial para superar as tendências pessimistas que afloram em espiritualidades assentadas mais no moralismo filosófico que no Evangelho.

*(continua)*





---

# CARTA DO MÊS

*Estigmatinidade*

**SETEMBRO 2007 - N° 205**

---

## AS FONTES DA SALVAÇÃO

*(Pe. Inácio Bonetti)*

### II. Conteúdos essenciais da devoção aos Estigmas

#### 8. O BONE JESU, INTRA TUA VULNERA ABSCONDE ME. ("Ó bom Jesus, esconde-me em tuas chagas")

Há outro conteúdo essencial da devoção aos Estigmas do Senhor: o empenho ascético da conformidade com Cristo mediante o exercício das virtudes evangélicas. Escreve Santa Catarina de Sena: "Conforma-te com Cristo crucificado, escondendo-te em suas Chagas; sacia-te dos opróbrios, das vergonhas, dos vitupérios, sustentando-os por amor de Cristo crucificado; cravem-te na cruz com Cristo o coração e o afeto, pois a cruz tornou-se navio e porto que te conduzem à salvação; e os cravos é a chave para abrir o reino dos céus".

Foi intuído em nível de contemplação mística que os Estigmas, impressos na mente e no coração dos fiéis sejam não somente remédio contra o pecado e lugar de refúgio contra as insidias do mal, mas também estímulo e sustento para o crescimento na virtude. "Crava na cruz, ó meu Jesus, os meus pés e as minhas mãos - pede Egberto de Schönau - e faze que o teu servo seja totalmente revestido da tua paixão. Faze, ó Senhor, te peço que me abstenha das obras da carne... e então me sentirei também eu pregado na cruz, na mão esquerda com o cravo da temperança e na direita com o cravo da justiça. Faze que a minha mente medite constantemente os teus mandamentos e todo meu pensamento esteja voltado sempre para ti. Crava na árvore da vida o meu pé direito com o cravo da prudência. Faze que os meus sentidos, instrumento do espírito, não se deixem debilitar pela atração da mísera felicidade desta vida caduca...; e então o meu pé esquerdo também será cravado na cruz com o cravo da fortaleza... Fira o meu coração a tua palavra palpitante e eficaz, mais cortante que a lâmina aguda; ela se afunde até o íntimo da alma e daí faça sair como do lado, ao invés de sangue e água, o amor para ti e para os meus irmãos".

Este modo de ver os Estigmas foi muito desenvolvido em algumas correntes de espiritualidade particularmente caracterizadas pelo esforço ascético da imitação de Cristo. Como vimos, para o abade Egberto, a cada uma das Cinco Chagas está vinculada uma determinada virtude cristã, considerando-se suas exigências e pedindo sua prática ao Senhor. Por esta razão foram compostos numerosos exercícios de piedade, compiladas coletas de orações, elaborados verdadeiros tratados espirituais, dedicados expressamente às Cinco Chagas e organizados particularmente sobre o tema ascético da conformação com Cristo crucificado mediante o exercício das diversas virtudes cristãs.

Atenção particular é dada à virtude da fortaleza e da paciência, que têm uma conexão mais próxima com os mistérios dos Estigmas. "Detém-te sobre a paixão de Cristo e habite de boa vontade nos sagrados ferimentos - sugere o autor da Imitação de Cristo. Pois se te refugias devotamente nos preciosos Estigmas de Jesus, sentirás grande conforto nas tribulações, e não te importarás com os desprazeres que os homens possam causar-te".

A atitude da "compaixão" ajuda a dar à paciência cristã seu significado mais autêntico. Não se trata de abandonar-se à simples e passiva resignação. Diante das cruzes, refugiando-se nos Estigmas de Jesus o cristão aprende a tornar próprios, os sentimentos de Cristo. Como Cristo, ele se esforça em lutar contra todas as formas do mal, não se deixa esmagar pela cruz, mas tende a valorizá-la para a própria salvação e a dos irmãos; tem a firme esperança de que, unido com Cristo no sofrimento e na morte, o será também na ressurreição (cf. Fl 3,10-11); não duvida de poder chegar, como S. Paulo, a superabundar de alegria no meio das tribulações (cf. 2Cor 7,4).

#### 9. O QUINQUE PRAETIOSA VULNERA, AMORIS SUMMI SIGNA PRAECIPUA, DIVINAE DULCEDINIS PLENA.

(Ó cinco preciosas chagas, sinais eminentes do maior amor, plenas de doçura divina).

Os Estigmas aparecem muitas vezes como poderoso convite a uma resposta do amor. E é justamente o amor, a gratidão, o dom de si a Cristo totalmente imolado por nós, que constitui um outro conteúdo essencial, em certo sentido o mais expressivo, das devoções aos Estigmas do Senhor.

A tendência de divisar nos Estigmas os sinais do amor de Cristo se manifesta com os místicos. "Como me parece doce Jesus – assim está e, uma meditação atribuída a S. Anselmo d'Aosta (+ 1109) - quando o vejo inclinar a cabeça e morrer, como é doce o estender os braços na cruz ao sofrer o ferimento do lado, porque nele nos fez conhecer os tesouros da sua bondade. Doce nos pés machucados, porque com isso parece quase nos dizer: «observai, como os meus pés estão cravados na cruz com um cravo para que não possa fugir; a misericórdia me retém completamente, e vos asseguro que não fugi de vós, embora pecadores, porque as minhas mãos foram pregadas»".

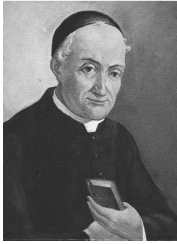
A linguagem dos Estigmas como sinal de amor encontrou, em determinada época, a sua expressão mais completa com a descoberta do Coração de Jesus: visto como fonte do sangue derramado pelos homens e, portanto, sinal supremo do amor que se doa totalmente. Atribui-se geralmente a São Bernardo o merecimento de haver intuído, através da contemplação das chagas de Cristo e em particular do ferimento do lado, a fonte do Coração. "Através das chagas do corpo se manifesta o segredo do coração", exclama o santo Doutor, e prossegue sublinhando a complementaridade dos ferimentos e do Coração como símbolos de amor.

O desenvolvimento da devoção ao Coração teve papel fundamental em despertar junto aos fiéis o culto para o amor de Cristo, contribuindo, inclusive, para superar certas tendências muito rigorosas, que afetaram a vida espiritual cristã. Talvez se possa dizer também que a devoção ao Sagrado Coração, substituiu, sobretudo em nível de piedade popular, a devoção às Cinco Chagas. Mas isto não impede que Chagas e Coração se apresentem, objetivamente, como realidade complementar na função de sinais do amor de Cristo.

A resposta de amor que o homem é chamado a dar ao amor demonstrado por Cristo com seus ferimentos é natural coroamento de uma devoção que tem sua base na compaixão. A compaixão tende por si mesma a conseguir a plena união com Cristo no amor. Até se pode dizer que a conversão do pecado, a luta confiante contra as insidias do mal, o esforço ascético

para a imitação de Cristo são etapas de um caminho, através do qual a devoção aos Estigmas quer levar o cristão com a eficaz solidez da compaixão pelos sofrimentos do Senhor à plenitude do amor comunhão com ele. “Marca meus pés para que eu possa seguir tuas pegadas; marca minhas mãos, para que eu cumpra sempre o bem; marca meu coração e torna-me capaz de viver em contínua atitude de caridade.” (Cardeal João Bona, 1609-1674).

*continua*



---

# CARTA DO MÊS

## *Estigmatinidade*

### O U T U B R O 2 0 0 7 - N ° 2 0 6

---

## AS FONTES DA SALVAÇÃO

*(Pe. Inácio Bonetti)*

### III. Formas expressivas da devoção aos Estigmas

#### 10. A DEVOÇÃO NOS AMBIENTES MONÁSTICOS E RELIGIOSOS

As mais antigas formas em que concretamente encontram expressividade concreta os conteúdos da devoção aos estigmas parecem provir dos textos de oração em algumas coleções de origem extra-litúrgica, usadas nos ambientes monásticos. Tem relevância, no que diz respeito ao Ocidente<sup>44</sup> o monaquismo irlandês-escocês na primeira metade da Idade Média. Trata-se de longas orações onde são apresentados os mistérios da vida de Cristo - da Encarnação à Ascensão - com particular destaque aos passos da Paixão. Em tais orações os ferimentos dos cravos e da lança recebem uma notável atenção e, sobretudo, já são entendidos no mesmo sentido que foi ressaltado pelos Padres.

A expansão missionária do monaquismo irlandês-escocês em toda a Europa da alta Idade Média provocou, pois, uma larga difusão dos textos devocionais e de outros análogos, em muitos ambientes monásticos do continente. Com o desenvolvimento da vida consagrada e a formação de novas famílias religiosas acontece não somente a difusão de textos tradicionais de oração, mas também o crescimento das formas tradicionais, crescimento ao qual dão relevante contribuição as orientações espirituais diversas conhecidas pouco a pouco no ambiente da vida religiosa. Assim, por exemplo, a espiritualidade monástica e cisterciense em particular, distingue-se pela riqueza das elevações místicas com que soube penetrar, com a contemplação, o significado das "fontes da salvação". Pode-se afirmar que ao longo de todo curso da história, até os nossos tempos, a espiritualidade monástica encontrou nos Estigmas da paixão um objeto privilegiado de oração contemplativa.

A espiritualidade das Ordens mendicantes, em harmonia com a orientação apostólica e missionária que a distingue, deu vida, além disso, a formas significativas capazes de difundir a devoção entre o povo: pregações, orações e celebrações de diversos gêneros. Ao longo desta mesma linha movem-se, pois, com particular fervor e sentido de solidez, os promotores da DEVOTIO MODERNA. A eles em grande parte, deve-se a difusão de certos exercícios de piedade em honra dos Estigmas que se tornaram tradicionais na piedade cristã. Falaremos mais adiante sobre a contribuição dada por alguns institutos religiosos - principalmente dos Jesuítas e dos Passionistas - à formação de determinados movimentos de devoção aos Estigmas do Senhor. É ainda nos ambientes da vida religiosa chegou-se à celebração de uma festa litúrgica

---

<sup>44</sup> Nossas considerações limitam-se às expressões que a piedade cristã teve, em relação aos Estigmas do Senhor, no Ocidente. Certamente, seria interessante estudar as formas de devoção a respeito desenvolvidas pela piedade do Oriente cristão.

em honra dos Estigmas, com missa e ofício próprios. Tais festas permaneceram sempre de caráter particular e jamais entraram no calendário universal; sofreram variações bastante complexas. Mas sua notável difusão, porém, indicaram sempre um testemunho do desenvolvimento alcançado pela devoção dos Estigmas e do grande fervor com que esta foi acolhida pelo povo cristão.

A propósito da festa dos Estigmas deve-se fazer uma observação, que diz respeito também em certa medida ao desenvolvimento interior da devoção. Atendo-nos aos poucos testemunhos históricos, de que dispomos, parece que a data da celebração era colocada, no início, no período pascal; a começar do fim da Idade Média nota-se a tendência de transferir a data da festa ao período pré-pascal, geralmente na quaresma. A mudança não é casual. A colocação da festa no período pascal tem a óbvia motivação no fato de que os Estigmas da Paixão é resultado, segundo a narração evangélica, da aparição do Ressuscitado. Tal colocação reflete, sobretudo, a visão do mistério dos Estigmas, claramente presente nos textos dos Padres e dos Místicos, pelos quais ele é considerado tanto no momento doloroso da paixão no qual Cristo recebe os ferimentos na cruz, quanto no momento glorioso da sua presença no corpo ressuscitado. Com base em tudo isso Estigmas retratam a visão unitária e global do Mistério Pascal, típica dos Padres e da teologia clássica, que considera a paixão e a ressurreição como dois momentos inseparáveis da única Páscoa: sacrifício do Senhor, oferecido sobre a cruz e perpetuado, graças à ressurreição, na liturgia eterna do Cordeiro.

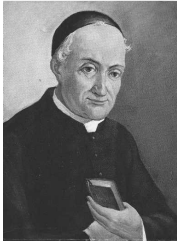
É sabido que tal visão global e unitária do Mistério Pascal foi pouco a pouco empanado na teologia e na piedade cristã. Chegou a se considerar o sacrifício da cruz somente no seu momento de dores, quase deixando na sombra a sua perenidade atuada pela ressurreição. A própria ressurreição foi vista quase unicamente como um milagre confirmador da divindade de Cristo, mas não como momento constitutivo do Sacrifício Redentor, permanecendo por isso estranha à piedade dos fiéis, que se alimentou quase exclusivamente dos sofrimentos do Crucificado.

Tal evolução de mentalidade chegou a repercutir também na devoção aos Estigmas. A visão completa do mistério dos Estigmas, que compreende ao mesmo tempo o momento das dores e o momento da glória, permaneceu quase só na contemplação dos Místicos; enquanto a devoção em suas expressões mais comuns, sobretudo em nível de piedade popular, foi se reduzindo às chagas do Crucificado, ignorando-se praticamente sua permanência no corpo glorioso do Ressuscitado. Foi neste clima que se determinou também a transferência da celebração dos Estigmas do período pascal ao quaresmal.

Esta alternância histórica constitui uma prova a mais do quanto é difícil penetrar a fundo nas riquezas do mistério de Cristo e responder ao seu dom salvífico com atitudes adequadas de fé e piedade. Mas por outro lado, é verdade que os Estigmas, em quanto "reliquias da paixão conservadas na glória" representam o sinal mais adequado do Sacrifício Pascal de Cristo. Portanto pode ser visto também como objeto de um culto que de per si tende a abraçar, na sua perenidade, o mistério central da nossa salvação.

Um dos pontos mais determinantes do despertar teológico e litúrgico promovidos pelo Concílio é justamente a recuperação da visão unitária e adequada do sacrifício pascal de Cristo em sua inteira realidade de morte e ressurreição que se perpetua na liturgia celeste do Cordeiro, como na liturgia da vida da Igreja. Intui-se facilmente como em tal perspectiva possa inserir-se a contemplação e a devoção voltadas para os Estigmas do Senhor inserindo aí também a contribuição de uma riqueza espiritual que, não obstante qualquer carência do desenvolvimento histórico, tem validamente alimentado por séculos a piedade cristã.

*(continua)*



---

# CARTA DO MÊS

*Estigmatinidade*

NOVEMBRO 2007 - N° 207

---

## AS FONTES DA SALVAÇÃO

*(Pe. Inácio Bonetti)*

### III. Formas expressivas da devoção aos Estigmas

#### 11. A DEVOÇÃO AOS ESTIGMAS E A PIEDADE POPULAR

Vimos que a devoção aos Estigmas assumiu em seu conteúdo essencial traços que são característicos da piedade popular. Na compaixão pelos sofrimentos do Crucificado deu-se um espaço muito amplo à dimensão emotiva do sentimento. O sentimento da compunção pelo pecado e o desejo da conversão tomaram cada vez mais a direção do temor da condenação eterna e da oração para se obter uma boa morte, esconjurando-se a morte imprevista.

As formas de expressão são as mesmas que nasceram e se solidificaram nos ambientes da vida monástica e religiosa: orações, laudes, pequenos ofícios, missa. Notam-se aqui também conotações típicas da piedade popular. Foram estabelecidas normas e pausas precisas para a recitação das orações ou para a celebração da missa das Cinco Chagas; com o acréscimo de práticas devotas apareceram os pedidos de graças extraordinárias, especialmente a segurança da salvação eterna e a libertação das almas do purgatório; foram concedidas muitas indulgências, nem sempre de origem autêntica. Embora a intenção fosse a de fortalecer as devoções e a promoção da assiduidade para os momentos de oração, ultrapassou-se o justo limite e tiveram origem as formas supersticiosas.

Uma postura ambígua da devoção popular é a tendência a conceber os Estigmas, ou Cinco Chagas, como objetos isolados, quase separados da pessoa de Jesus Cristo e do mistério pascal, do qual é sinal. Expressão típica de tal mentalidade é a representação plástica das Cinco Chagas em forma de cinco ferimentos sangrentos, ou de cinco escudos, de cinco estrelas, que começou a difundir-se a partir de 1500. A propósito há um episódio interessante. Quando em 1526, sob o reinado de Henrique VIII, no norte da Inglaterra, o movimento “The pilgrimage of Grace”<sup>45</sup> para repudiar medidas anti-católicas, emanadas pelo Soberano, os membros traziam no peito e nas bandeiras os emblemas das Cinco Chagas.

Em tudo isso existe a falta de solidez, característica da piedade popular, que deve ser levada em consideração antes de qualquer juízo de valor. Não se pode ignorar, porém, o risco que traz o ato de modificar o sentido genuíno da devoção aos Estigmas. As expressões clássicas e autênticas da devoção às Chagas de Cristo aceitam seu significado próprio e específico sem desvinculá-lo da pessoa e do sacrifício de Jesus. A devoção autêntica aos Estigmas enquadra-se

---

<sup>45</sup> The **Pilgrimage of Grace** foi uma insurreição popular no norte da Inglaterra, em 1536, para protestar contra o rompimento da Inglaterra com Roma e o fechamento dos mosteiros.

em tudo no rico filão da piedade cristão, litúrgica e extra-litúrgica que se volta para o sacrifício pascal de Cristo em sua globalidade. Deste mistério, os estigmas colocam em foco certos valores, e por isso tornam-se objeto de particular atenção e devoção, sem perder o sentido da totalidade do mistério que proclama.

## 12. MOVIMENTOS DEVOCIONAIS DE PARTICULAR RELEVÂNCIA

Entre os meios que mais contribuíram para incrementar e difundir entre os fiéis as grandes devoções há também a presença de movimentos organizados e de grandes proporções, mantidos por pessoas ou por Institutos, nele empenhados com missão especial, com iniciativas particulares que, às vezes, se apresentam como divinamente inspirados. Imagine-se o que significou para a devoção ao Sagrado Coração o trabalho desenvolvido por Santa Maria Alacoque junto com o Bem-aventurado Cláudio de la Colombière, e, posteriormente, de toda a Companhia de Jesus. Isto se verificou também, de certo modo, com a devoção aos Sagrados Estigmas. A própria Companhia de Jesus foi protagonista, no início do século XVIII de um movimento tradicional em relação aos Estigmas. Em 1610 foi realizada em Roma a Missão urbana e foi introduzido como exercício de piedade a ser feito junto com a comunhão geral, a recitação da Coroinha das Cinco Chagas: esta tinha o formato de um terço de cinco contas, com uma oração às Cinco Chagas para cada uma delas, rezando-se a seguir cinco pais-nossos e uma ave Maria. A coroinha foi aceita com enorme alegria e teve imediatamente notável difusão. O Sumo Pontífice Paulo V a recebeu e a colocou em sua faixa.

Pe. Vicente Carafa, promotor da devoção às Cinco Chagas em Nápoles, eleito como Prepósito Geral da Companhia de Jesus em 1646, dirigiu-se aos padres da Ordem com uma longa exortação na qual, depois de haver lembrado os exemplos de Santo Inácio e São Francisco Xavier, incentivava os religiosos a tornarem-se divulgadores da devoção. Já antes de Pe. Carafa a devoção era bem vivida entre os jesuítas, que souberam divulgar a devoção por meio de confrarias e associações.

Outro movimento de grandes proporções, com a intenção de promover a devoção às Cinco Chagas foi empreendido por São Paulo da Cruz e pela Congregação por ele fundada. Entre as iniciativas colocadas em prática pelos passionistas está a Coroinha, que no início era a mesma já difundida pelos jesuítas; posteriormente foi adaptada, substituindo-se os cinco pais-nossos por cinco glórias ao Pai, com a finalidade de simplificar seu uso. Também os passionistas fundaram em todo o mundo numerosas confrarias da Paixão.

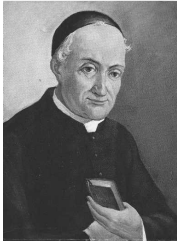
O que mais caracteriza o trabalho dos passionistas é o esforço para promover a celebração da festa litúrgica das Cinco Chagas. Em 1773 o próprio fundador se encarregara de obter junto à Santa Sé a faculdade de celebrar, nos dias estabelecidos, todos os ofícios da Paixão em uso, entre os quais o das Cinco Chagas. Daí para frente houve um progresso constante na difusão da festa das Cinco Chagas. Compreendem-se a extensão e a eficácia do movimento devocional liderado pelos passionistas por seu apostolado desenvolvido no meio do povo cristão através das Missões paroquiais.

Merece também ser lembrado o movimento de reflexão teológica e de devoção aos Estigmas de Cristo que foi promovido no ambiente evangélico alemão por obra do bispo luterano Nikolaus Zinzendorf (1700-1760); é conhecido como “Teologia dos fermentos de Cristo”. Ele tem suas raízes na “teologia da cruz” de Lutero, e diretamente na intensa carga devocional do pietismo. Zinzendorf põe o Crucificado, com os fermentos e o sangue da Paixão no centro de sua visão teológica, reconhecendo no tormento e nas humilhações a manifestação mais autêntica da glória e do amor de Deus. O estilo devocional do pietismo é posto em relevo

nas orações e nos hinos compostos em grande número e largamente divulgados pelo piedoso e zeloso bispo protestante. Com Zinzendorf a devoção aos Estigmas de Cristo marcou, já no século XVIII, um interessante ponto de encontro entre católicos e evangélicos.

*(continua)*





---

# CARTA DO MÊS

## *Estigmatinidade*

### DEZEMBRO 2007 - N° 208

---

## AS FONTES DA SALVAÇÃO

*(Pe. Inácio Bonetti)*

### III. Formas expressivas da devoção aos Estigmas

#### 13. OS ESTIGMAS DE CRISTO NA LITURGIA

Aqui nos ocupamos somente da liturgia latina, segundo o calendário universal, prescindindo da celebração das festas dos Estigmas celebradas em dioceses e institutos particulares, e a consideramos na forma atual fixada pela reforma de Paulo VI.

A liturgia tem diversos motivos para mencionar os Estigmas do Senhor. Os textos evangélicos relativos aos ferimentos dos cravos e da lança são lembrados muitas vezes, principalmente no tríduo e nos tempos pascais. Também alguns dos mais importantes textos patrísticos foram inseridos na Liturgia das Horas, no Ofício das leituras; eles são particularmente significativos, pois têm origem nos trechos elaborados de propósito com a finalidade de chamar a atenção dos Estigmas de Cristo. Tal é, por exemplo, a fórmula de preparação do Círio no início da Vigília Pascal: “Por meio de suas Chagas gloriosas, nos proteja e nos guarde Cristo Senhor.”; igualmente é o trecho do III Prefácio pascal: “Ele continua a oferecer-se por nós e intercede como nosso advogado: sacrificado sobre a cruz não morre mais, e com os sinais da sua glória vive de forma imortal”; a antífona ao Cântico de Zacarias nas Laudes do II Domingo da Páscoa: “Toca com a mão os sinais dos cravos, não sejas incrédulo, mas fiel”.

Não ressaltamos aqui todas as referências que valorizam os Estigmas presentes na Liturgia. Procuramos, ao invés, colher linhas gerais de atitude da Liturgia em relação ao mistério dos Estigmas do Senhor.

Salta logo aos olhos o fato de que as referências litúrgicas a este mistério são mais raras, ocasionais, geralmente breves: de qualquer modo são muito adequadas, parece, para expressar a riqueza de reflexões doutrinárias e de conteúdos espirituais que a tradição teológica e mística do Ocidente soube acumular pelos séculos. A liturgia bizantina foi neste ponto mais generosa. De outro lado, deve-se reconhecer que diante dos Estigmas a Liturgia se coloca, ainda que em medida parcimoniosa, no modo justo: que é o de considerar os ferimentos dos cravos e da lança essencialmente como “sinais” da realidade global e profunda do Mistério pascal do Senhor; portanto como objeto relacionado com o Mistério, para cuja compreensão deve contribuir cada um dos sinais. É este, certamente, também, o modo da devoção extra litúrgica nas suas mais autênticas expressões clássicas. Mas não se pode ignorar que a devoção extra litúrgica é levada, talvez, especialmente nas suas expressões populares como se viu anteriormente, a isolar de

certa maneira as Cinco Chagas de todo o Mistério que elas representam e dos outros sinais que lhe completam o significado.

De tudo isto parece lícito concluir que a liturgia e a devoção extra litúrgica possam reciprocamente integrar-se, no sentido indicado pelo Concílio, o qual de um lado afirma que “a vida espiritual não se esgota na participação só da sagrada liturgia”, e, de outro lado, exige que “os piedosos exercícios do povo cristão” e “os sagrados exercícios das igrejas particulares sejam ordenados de modo que estejam em harmonia com a sagrada liturgia, derivam de qualquer modo dela e para ela, dada a sua natureza muito superior, conduzam o povo cristão.”

Um exemplo de tal integração, modesto talvez, mas significativo, encontra-se no Missal Romano. É a série de orações sugeridas ao celebrante para a preparação e ação de graças da missa. Naquelas orações a referência aos Estigmas é mais freqüente: Vai da saudação ao Sangue de Cristo “jorrando dos ferimentos do Senhor crucificado” na assim chamada Oração de Santo Ambrósio antes da missa às diversas invocações sugeridas para a ação de graças, como aquela contida na “Alma de Cristo, esconde-me dentro de tuas Chagas” e na oração com indulgências para ser recitada diante da imagem do Crucificado, “Eis me aqui ó meu amado e bom Jesus”, centrada na contemplação das Cinco Chagas. Tudo isso compões uma moldura de contemplações e de orações pessoais centrada sobre Cristo morto e ressuscitado, que convida a olhar e tocar seus ferimentos, sempre como um válido sustentáculo para a celebração sacramental do Memorial da morte e ressurreição; tais orações são capazes de defender a insídia do formalismo e de favorecer a inserção na vida.

Desejar-se-ia que também, em uma dimensão mais vasta se consiga realizar sempre melhor no campo da piedade a integração recíproca entre a liturgia e as expressões extra litúrgicas, com sentimento de fé e com criatividade, na intenção de ajudar os fiéis a reviver sempre mais intensamente em si o Mistério Pascal de Cristo Salvador.

\* \* \* \* \*

Aqui termina a primeira parte do livro de Pe. Ignazio Bonetti “As fontes da salvação”.

A segunda parte consiste em apresentar uma Antologia de textos clássicos sobre o Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo. A antologia tem caráter eminentemente explicativo. Compreende três grupos de textos: leitura, fórmulas, hinos e composições rítmicas, baseados sobre a Sagrada Escritura, Santos Padres e Místicos. Um exemplo de cada texto.

*Leitura:*

“Como não seria verdadeiro o corpo de carne de Jesus, no qual permaneceram os sinais das chagas e as marcas dos maus tratos, que ofereceu para que os apóstolos tocassem? Com isto não só reforça a fé, mas incentiva à devoção. Ele, ao invés de cancelar de seus membros os ferimentos que tinha sofrido por nós, quis levá-los ao céu, para mostrar ao Pai o preço de nossa libertação. E é neste estado que o Pai o coloca à sua direita, coroando-o com o troféu de nossa libertação. Em tal estado estarão também os mártires, com a coroa de suas próprias chagas (Santo Ambrósio 340-397)”.

*Oração:*

“Senhor Jesus Cristo, tu que por meu amor não poupaste a ti mesmo peço-te: fere meu coração com teus ferimentos, inebria minha alma com teu sangue. Faze que para onde me voltar veja sempre a ti pregado na cruz por mim, e qualquer coisa que eu veja a enxergue sempre banhada por teu sangue. Ao me lançar em direção a ti que eu não possa encontrar outra

coisa senão a ti, nem visar algo que não sejam tuas chagas. Faze Senhor que meu verdadeiro e único consolo seja o de ser crucificado contigo, e minha dor maior deixar de pensar em outra coisa senão em ti” (São Boaventura).

*Composição rítmica:*

O que são estas Chagas, ó Cristo, nos membros ensangüentados?

Quem diante dos olhos lacrimejantes dos anjos executou tal maldade?

“São sinais do amor em cores de fogo com os quais fostes amados,

Com os quais os pecadores são reconduzidos à glória, à felicidade” (autoria popular).